

Kalinca Zucaratto Martins



Leitura e produção de poesias em educação de adultos

200 61 9504

Campinas, junho de 2006.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Kalinca Zucaratto Martins

Leitura e produção de poesias em educação de adultos

Trabalho de conclusão de curso para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP, sob a orientação da Professora Doutora Luci Banks Leite.

Campinas, junho de 2006.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA: TCC/Unicamp
73662
V:.....EX:.....
TOMBO: 2994
PROC.: 123/06
C:.....D:.....
PREÇO: 11,00
DATA: 31/08/06
Nº CPD: 386331

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

M366L Martins, Kalinca Zucaratto.
Leitura e produção de texto em Educação de Adultos / Kalinca Zucaratto
Martins. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Luci Banks Leite.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Programa Educacional de Integração Social (PEIS). 2. Poesia. 3.
Literatura. 4. Educação de adultos. I. Banks-Leite, Luci Banks. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-306-BFE

RESUMO

A poesia apresenta a particularidade de se trabalhar com o campo simbólico da metáfora, isto é, os sentidos dos enunciados não se fecham, mas, ao contrário, abrem-se em múltiplas possibilidades de interpretação e jogos de produção de sentidos.

Seu uso dentro do Projeto Educativo de Integração Social (PEIS), cuja metodologia visa à valorização da voz do educando e de compartilhamento de conhecimentos entre os seletos componentes deste grupo, favorece ao propósito de expansão do conhecimento já existente entre os educandos adultos matriculados na turma de Língua Portuguesa.

Considerando, então, o papel que o PEIS tem na formação desse aluno leitor/escritor, o presente estudo examinou, por meio de uma pesquisa participante, como a poesia auxilia no aprendizado da língua e qual o papel específico da poesia nesse aprendizado.

S U M Á R I O

1. Apresentação	04
2. Introdução	06
2.1. O adulto	06
2.2. O conhecimento na maturidade	06
2.3. O potencial de aprendizado na maturidade	07
2.4. O educando adulto	09
3. O projeto educativo	11
3.1. PEIS: estrutura e funcionamento do projeto	12
3.2. Objetivo da pesquisa	14
3.3. Procedimentos metodológicos	15
4. Delimitações iniciais	17
4.1. A poesia e o adulto	18
4.2. A poesia como tema gerador	19
5. O método utilizado em sala de aula	20
5.1. Primeiro método: histórias de vida	22
5.2. Segundo método: quebra-cabeças poético	23
5.3. Terceiro método: histórias distantes	25
5.4. Quarto métodos: poesia e ortografia	26
5.5. Quinto método: expressando sentimentos	27
6. O uso da poesia na aprendizagem da língua	28
7. Conclusão	30
8. Referências bibliográficas	31
9. Anexos	32

1. APRESENTAÇÃO

Quando minha mãe, aos cinquenta anos de idade, optou por continuar seus estudos do ponto em que havia parado, 4º ano primário, percebi o quanto era diferente sua relação com a escola, tendo por referência o meu histórico de vida dentro de instituições educacionais.

Um retorno após tantos anos fora não é fácil para ninguém e para minha mãe não podia ser diferente. Havia estudado até a quarta série primária e, apesar de ser uma boa aluna, com boas notas e comportamento exemplar, deixou os estudos após sua família lhe convencer de que nada lhe valeriam, uma vez que seria mais uma dona-de-casa e, para tanto, o que sabia era mais do que o necessário.

Depois de tantos anos, será que seria capaz de aprender conteúdos novos? Já não era como antigamente, pois agora tinha muito mais afazeres que naquela época, mais responsabilidades e mais problemas para resolver do que “tirar boas notas”. Por que voltaria então? Simplesmente por uma satisfação pessoal: provar para ela mesma que ainda era capaz.

Já não havia muitas opções de escola para dar seqüência a seu aprendizado agora como adulta e, por isso, matriculou-se em uma bem distante e em um bairro perigoso. Isso se tornou um empecilho, não por ela, mas pela família: pra que se cansar ou arriscar ser assaltada para estudar se não vai usar nada do que aprender para trabalhar. Além do mais, já sabia o necessário para continuar exercendo sua função: cuidar de sua família e seu lar.

Mas ela persistiu com seu ideal, mesmo sem apoio, e concluiu o ensino fundamental e o ensino médio.

A satisfação do retorno, a conquista em cada momento da aprendizagem, a intimidade com a professora da mesma idade. Foram tantas as ocasiões em que as dificuldades foram superadas pela motivação que encontrava em um trabalho educativo que, apesar de algumas semelhanças quanto ao conteúdo, era díspar daquele com o qual eu estava habituada em minha vivência escolar.

Cursando Pedagogia passei por diversas disciplinas relacionadas à educação infantil e fundamental, mas em momento algum encontrei uma explicação que me levasse a compreender o que diferenciava o meu processo educativo do dela.

Em meu sexto semestre, tive a oportunidade de cursar a disciplina eletiva Educação de Adultos, ministrada pela professora doutora Sônia Giubilei, a qual apresentou as modificações do foco político, metodológico e ideológico do ensino de adultos no decorrer dos anos. Minha mãe havia passado apenas pela tele-sala, ou seja, uma forma de ensino com a infra-estrutura básica de uma sala equipada com uma televisão e um vídeo cassete para a transmissão do conteúdo programático e um professor.

E mais, a relação de minha mãe com o ensino era de conquista, pois estava afirmando que ainda era capaz de aprender. Situações e sensações diferentes das vividas por uma criança dentro da escola. Diferentes das que vivenciei e que vivencio como aluna.

Mais do que conhecer através de leituras e palestras, eu quis ver de perto o trabalho com adultos. Foi quando, a professora Sônia Giubilei convidou-me a participar do Projeto Educativo de Integração Social, no qual pude compreender este universo atuando como educadora e compartilhando experiências.

E é dentro deste contexto de descobertas com relação ao educando adulto e ao trabalho educativo ali realizado decidi desenvolver o presente trabalho de conclusão de curso, a partir de uma experiência de leitura e produção de poesias realizada com a turma de Língua Portuguesa do Ensino Médio no ano de 2005.

2. INTRODUÇÃO

2.1. Adulto

Adulto, segundo a definição do dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1993), é *“o ser vivo que atingiu o máximo de seu desenvolvimento”*.

Sua maturidade em idade é, no senso comum, sinônimo de que este adulto está apto para ocupar um espaço no mercado de trabalho, condizente com seus conhecimentos até então adquiridos, e, assim, sustentar a si próprio e constituir sua família. Desta forma, ele responde pelos seus próprios atos e de outros dependentes seus.

Contudo seria impossível afirmar que alcançou seu pleno desenvolvimento, especialmente no que diz respeito a seus conhecimentos, pois é um campo versátil no qual não há limites que definam seu início e seu fim.

2.2. Conhecimento na maturidade

As disciplinas escolares apresentam apenas uma pequena parte de um conhecimento muito mais amplo, os conteúdos representam um recorte daquilo que o indivíduo, diante de suas expectativas e necessidades pessoais ou sociais, poderá usar para seu aprimoramento.

Segundo Vigotski (2003), dentro do processo geral de desenvolvimento há duas linhas qualitativamente que diferem quanto a sua origem: de um lado estão os processos elementares de origem biológica e de outro as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. Estas últimas, *“são produções humanas construídas nas relações do homem com a natureza e nas relações com os outros, ou seja, nas relações sociais, através dos instrumentos de trabalho e através dos símbolos criados por ele mesmo e que o transformam”* (MOURA, 1999:146).

Logo, a definição de adulto acima apresentada, como um ser “que atingiu o máximo de seu desenvolvimento” deve ser repensada, tendo em vista as possibilidades

que, sem dúvida, ainda tem de se desenvolver.

No entanto, no senso comum, acredita-se que quanto mais avançada a idade, menor é seu potencial de aprendizado. Então por que buscar seu aprimoramento se a idade considerada própria para o aprendizado está tão distante da atual?

Entretanto, *“qualquer que seja a idade, a ação sempre supõe um interesse que a desencadeia, a inteligência procura sempre compreender, explicar”* (LÉON, 1977:08).

2.3. Potencial de aprendizado na maturidade

Da luta entre a necessidade de ampliar o conhecimento *versus* o medo de parecer ridículo que surgem adultos determinados a obter o conteúdo escolar que não tiveram na idade considerada apropriada.

O sonho que os impulsiona a esta busca pode nascer das mais variadas formas, as quais, geralmente, podem ser resumidas à necessidade de atualização para acompanhar a complexidade do mundo – *“a necessidade fundamental de mudança, variedade e troca de hábitos, que todo indivíduo experimenta”* (LÉON, 1977:126).

No entanto, este ato de retorno aos estudos é difícil, uma vez que o adulto pode sentir-se ameaçado ao perceber que seu sonho implica ocupar a posição de aprendiz, uma posição associada à inexperiência, contrária a sua definição social.

Este sentimento é comum a todos os adultos e, em geral, provém da incredulidade de suas próprias capacidades e decisões. Diante desta sensação incômoda, poucos persistem nesta busca pela aprendizagem.

Entretanto, alguns adultos optam pelo desafio de aperfeiçoar seu conhecimento e procuram instituições que o possam auxiliar a alcançar este objetivo.

Estes podem contar com diversos projetos educacionais voltados especialmente para educação de adultos. Alguns visando o ensino reparador, ou seja, complementar dos estudos escolares, outros, o direito de aprender independente da idade.

E foi dentro deste segundo propósito que desenvolvi esta pesquisa. De um lugar onde alunos adultos, os quais não tiveram acesso ao ensino regular na idade

considerada própria, reivindicuem esse direito e no qual professores estabeleçam uma atmosfera em que eles se sintam livres para dizer o que quiserem, sem o receio de se sentirem infantilizados.

A Educação de Adultos oferece um trabalho com uma metodologia específica de valorização da voz deste aluno e de compartilhamento de conhecimentos entre os seletos componentes deste grupo. Afinal de contas, *“não basta saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente”* (SOARES, 1997:55 apud RESENDE, 2000:3). É necessário que o adulto possa se compreender como ser pensante.

Segundo a teoria de Vigotski (2003:115), *“o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual (...) penetram na vida intelectual daquelas que o cercam”*. Ainda afirma que *“(...) o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado; desta seqüenciação resultam, então, as zonas de desenvolvimento proximal”* (2003:118).

“Ela (zona de desenvolvimento proximal) é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VIGOTSKI, 2003:112).

Vigotski conceitua a zona de desenvolvimento proximal com base nas observações do desenvolvimento infantil com a finalidade, dentre outras, de examinar as conseqüências do impacto específico da escolaridade. No entanto, sua teoria de que o aprendizado é um processo profundamente social, enfatizando o diálogo e as diversas funções da linguagem como instrumento mediador do desenvolvimento cognitivo é uma realidade constante do ser humano, logo, pode ser válida também para os educandos adultos. Estes indivíduos podem aumentar o seu nível de desenvolvimento real com o auxílio de outros mais capazes que realizem tarefas com eles em um primeiro momento, para que possam posteriormente, realizar as atividades sozinhos.

O autor afirma que o sujeito aprende através da interação com o outro. No caso da escola, o papel do professor é mediar a relação do aluno com o objeto de

estudo, conduzindo-o à aprendizagem. *“Daí a necessidade de na sala de aula o professor dialogar, interagir, participar e realizar com o aluno atividades que, um dia, espera-se que o aluno seja capaz de realizar sozinho”* (LOPES, 1998:45).

E, em consonância com as idéias de Vigotski, Irigaray (2004:58) afirma que *“a aprendizagem de novos conhecimentos, a atualização, a participação em grupos geram maiores competências, mantém a funcionalidade e a possibilidade de novas adaptações”*.

Os princípios apresentados acima são compatíveis ao trabalho educativo que Paulo Freire realizou e propagou em seus livros. Ele procurou ampliar o conhecimento de seus alunos com o uso de seus saberes socialmente construídos, ou seja, ensinar respeitando os saberes dos educandos.

“Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos..” (FREIRE, 1996:33).

Baseado na produção teórica de Freire, a qual *“constitui-se uma teoria da educação, em que a alfabetização de adultos representa tão somente um capítulo”* (MOURA, 1999:43), o método utilizado pelo Projeto Educativo de Integração Social, local escolhido para desenvolver esta pesquisa, tem por objetivo promover uma relação dialógica entre educador e educando, uma vez que *“o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”* (FREIRE, 1987:78).

2.4. O educando adulto

“Quem procura cursos de alfabetização de adultos quer aprender a escrever e a ler sentenças, frases, palavras, quer alfabetizar-se. A leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra”.

(FREIRE, 1994:79).

Quando pensamos em quem é o adulto, projetamos no que está próximo ou,

quando não, em nós mesmos. Nesta identificação devemos tomar como parâmetro de ação, nossos gostos.

"Os adultos são, afinal, pessoas que adquiriram o seu estado de maturidade aos seus próprios olhos e aos das outras pessoas como maridos, esposas, pais, amigos, patrões e empregados. Talvez este estado, e o amor-próprio dele decorrente, seja menos forte do que parece, e seja facilmente ameaçado quando o adulto é obrigado a recuar para o que pode parecer a posição subordinada de aluno" (ROGERS, 1971:39).

Uma das mais surpreendentes características em estudantes adultos, seja qual for sua faixa etária ou sua escolaridade, é o medo de parecer ridículo ou de se expor a um fracasso. Pesquisas mostram que *"[...] a inquietação do adulto que tem receio de parecer ridículo, pode ser a causa de um rendimento pobre e pode confirmar os piores receios do aluno"* (ROGERS, 1971:37).

Mas há diferentes graus de inquietação: quanto mais jovem for este estudante adulto e quanto mais recente for o seu contato com a escola, mais familiar será o ambiente escolar. *"É evidente que, pelo menos na educação adulta voluntária, a inquietação não será a emoção predominante no espírito dos alunos, senão nem se quer se inscreveriam. O interesse e a curiosidade serão muito mais fortes na maioria dos alunos"* (ROGERS, 1971:38).

Mesmo assim, a tensão durante a aprendizagem é comum entre os adultos e esta tende a ser maior quanto mais velho for o aluno. Psicólogos apontam, segundo a Teoria Pessoal (Self Theory), que *"[...] todo adulto possui certas idéias bem desenvolvidas e definidas acerca de si próprio que acompanham o seu sistema de idéias e crenças. Admitir que necessita aprender algo de novo é admitir que há algo errado no seu sistema presente"* (ROGERS, 1971:40).

Seja qual for a situação, a tensão gerada pela aprendizagem é incontestável, e visto que esta se faz melhor numa atmosfera calma, despreocupada e amigável.

Logo, outra característica importante deste educando deve ser valorizada a fim de garantir que essa atmosfera seja estabelecida desde o início e mantida durante todo o curso. Essa característica que traz o equilíbrio necessário para que o adulto permaneça em qualquer curso de aprimoramento é a experiência prévia que ele traz e que deve ser utilizada como base para ampliar os conhecimentos. Mesmo que esta

experiência se refira ao tipo de educação que o aluno espera encontrar, baseada em diferentes momentos e em outras propostas educacionais, essa experiência deve influenciar a maneira como o professor irá conduzir sua aula.

No entanto, mesmo que a inquietação seja superada, os professores podem se deparar com “[...] a crença do aluno adulto de que as suas capacidades intelectuais irão sofrer inevitavelmente uma séria decadência com a idade” (ROGERS, 1971:48).

A consequência desta idéia de que a capacidade de aprendizagem declina com a idade pode criar dificuldades ao educador, particularmente numa aula em que predominem alunos mais velhos. Os alunos podem fazer uso da sua idade como um apoio para evitar o incômodo da real aprendizagem, uma vez que perderam a confiança nas suas possibilidades de trabalho e em toda a sua capacidade intelectual.

Diante de todas as barreiras citadas na educação de adultos é essencial discutir logo no início não só o curso e o programa de estudos, mas também o método de ensino para que os alunos saibam o que os espera. E este último deve ser constantemente revisto pelo professor e pelos alunos, a fim de que as modificações sejam feitas quando necessário.

3. O projeto educativo

3.1. PEIS: estrutura e funcionamento do projeto

Sob a responsabilidade do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos e coordenado pela Profª Dra. Sônia Giubilei, o Projeto Educativo de Integração Social (PEIS) vai além da proposta de espaço para a conclusão da escolarização de analfabetos e semi-escolarizados, uma vez que é desenvolvido em função do

"[...] crescimento humano das pessoas adultas e dos grupos, cujos indicadores são: aumento da capacidade de adquirir conhecimentos, consciência de sua dignidade como pessoa, consciência de sua responsabilidade consigo mesmo, com sua família, com seu trabalho, com sua comunidade e habilidade de integrar-se em seu meio de forma responsável".(GIUBILEI, 2000, apud CAMPOS, 2004:188).

Tendo em vista este propósito, o projeto atende adultos desescolarizados, semi-escolarizados ou com escolarização completa, a partir de 18 anos de idade, *"[...] incentivando aos que possuírem idade menor que a determinada, buscar vaga no ensino público regular, que terá um grupo de educandos compatível com sua perspectiva de mundo e interesses sociais"* (GIUBILEI, 2000, apud CAMPOS, 2004:191).

Os motivos elencados para que estes adultos procurem o projeto são os mais variados, podendo ser separados em três objetivos:

- completar a escolarização e obter a conseqüente certificação;
- dispor de convívio social, intelectual e humano;
- integrar grupos de discussões teóricas.

O PEIS, por sua vez, tem por objetivo a estes adultos que participam do projeto:

- "1. Oferecer ao adulto uma educação que lhe faça partícipe de seu processo educacional mediante o desenvolvimento humanístico, cognitivo, psicológico e social;*
- 2. Redimensionar a proposta metodológica de tal forma que o educando adulto possa obter uma aprendizagem mais efetiva;*

3. Utilizar como princípio educativo o conhecimento trazido pelo educando-adulto sem, entretanto, permanecer nesse estágio;
4. Oferecer a oportunidade de educação àqueles que não puderam freqüentar a escola ou o fizeram de forma incompleta e também aqueles que desejam ampliar seus conhecimentos e relacionamentos;
5. Proporcionar um diálogo/interação entre os vários campos do saber humano;
6. Desenvolver, a cada semestre Estudo do Meio, técnica que permite um maior envolvimento dos adultos e professores numa atividade integradora e interdisciplinar" (GIUBILEI, 2000, apud CAMPOS, 2004:190).

Ou seja, a ênfase nas atividades em sala, em grupos de discussão ou de estudo do meio é para que o adulto perceba-se como ser pensante e mobilize-se na luta por seus direitos, permeando o conteúdo escolar formal.

O aluno opta pelas disciplinas que deseja cursar no momento da matrícula. As disciplinas oferecidas são tanto as de Ensino Fundamental quanto Médio: Língua Portuguesa, Matemática, Biologia, Geografia, Física, Química, História e Inglês.

Este ano, o projeto teve a inscrição de, aproximadamente, quarenta alunos jovens e adultos de Campinas de região.

Para atender a estas pessoas que procuram o projeto e aos objetivos do mesmo há uma equipe de voluntários das diferentes áreas de conhecimento da graduação, pós-graduação e profissionais já formados que assumem o compromisso com o projeto.

Uma das dificuldades encontradas na realização deste trabalho está na constituição desta equipe, uma vez que o projeto depende da disposição de educadores para trabalhar com adultos. Estes, geralmente, não têm uma formação adequada que lhes dê condições para *"o trabalho com um educando que traz para a sala de aula bloqueios e expectativas a serem superadas e preenchidas"* (GIUBILEI, 2000, apud CAMPOS, 2004:189). Por isso, o projeto também tem por meta criar as condições para a formação do educador de adultos.

"No caso específico do trabalho docente com adultos, o professor deve estar preparado para estudos interdisciplinares. Aprender a trabalhar em equipe, permitindo que vários docentes de diferentes áreas do conhecimento possam desenvolver atividades integradas, passa a constituir uma busca constante no trabalho docente com adultos, uma vez que o campo a ser estudado alarga-se para além do seu conhecimento e domínios" (GIUBILEI, 2000, apud CAMPOS, 2004:191).

Uma vez formada esta equipe, reuniões pedagógicas realizadas periodicamente tornam-se o espaço para o trabalho interativo, no qual são discutidas as várias experiências propostas e situações vividas em sala de aula, “*tentando suprir a deficiência nas suas próprias formações acadêmicas*” (GIUBILEI, 2000, apud CAMPOS, 2004:189).

“Alinhando-se com as concepções freireanas, é clara a intencionalidade do PEIS por uma educação problematizadora, emancipatória, que não delega apenas a alguns determinadas responsabilidades. Pelo contrário, compreende estar na dialeticidade da ação pedagógica um ensinar que se faz no aprender com o outro. Ou seja, não é do educador, nem tampouco do educando, a responsabilidade do ato educativo, mas é, sim, um processo educativo que provoca transformações na medida em que os sujeitos, em colaboração, dialogicamente, aprendem e ensinam, compreendendo a realidade e transformando a si, ao outro, a seu cotidiano” (CAMPOS, 2004:144).

Alunos do curso de Pedagogia cuidam do suporte documental, como matrícula, organização das classes, atas, livro ponto e suporte legal, sob a orientação da coordenadora.

O projeto é abrigado pelo Colégio Técnico de Campinas (Cotuca), da Unicamp, desde o ano de 2001, após a concessão de espaço pelo diretor Prof. Michel Sadalla Filho. Seis salas de aula foram colocadas à disposição para as atividades propostas no PEIS.

As atividades acontecem aos sábados das 08:00 às 13:15, pois é quando estas salas cedidas estão ociosas e por ser um horário alternativo aos adultos que têm outras atividades sociais ou financeiras para atender. Há um intervalo às dez horas, quando todos participam de um lanche comunitário e logo após acontece um momento chamado de **Socialização**, em que ocorre uma assembléia para discussão do tema gerador que norteia os trabalhos em sala de aula.

3.2. Objetivos da pesquisa

Os adultos que procuram o Projeto Educativo de Integração Social são sujeitos que não puderam ter acesso ao ensino escolarizado na idade própria.

O Projeto Educativo de Integração Social (PEIS), coordenado pela

professora Sônia Giubilei, da Faculdade de Educação da Unicamp, foi elaborado com o intuito de oferecer oportunidades educacionais de desenvolvimento aos adultos que chegam ao projeto. Uma modalidade de ensino de adultos que incentiva e valoriza a fala de todos os participantes do grupo, proporcionando um ambiente no qual o exercício da cidadania é estimulado e por meio da discussão de um tema gerador escolhido pelo grupo, momento este que gera reflexão e busca de mais conhecimentos.

Procurei, neste contexto, compreender como se dá o aprendizado dos adultos, uma vez que como já assinalado anteriormente que este, apesar da crença popular, é capaz de aprender.

Mais especificamente, dentro deste contexto, buscou-se verificar:

1. Como a poesia auxilia no aprendizado da língua e;
2. Qual o papel específico da poesia nesse aprendizado.

Para isto, com a devida autorização a participar das aulas de Língua Portuguesa, ministrada pela professora Maria José Teodora Carreira Rey, educadora com formação em Letras e Lingüística, acompanhei o desenvolver de um novo livro de poesias orientado e impulsionado por ela e escrito pelos alunos. Essas escritas contém traços de vida refletidos; tais atividades que podem trazer efeitos importantes, uma vez que *“todo aquele que se apropria da sua própria experiência é capaz de se aprimorar e começar a ler o mundo e a sociedade em torno e além”* (GARCIA, 2001:83).

3.3. Procedimentos metodológicos

Foi realizado uma pesquisa participante no Projeto Educativo de Integração Social (PEIS), coordenado pela professora doutora Sônia Giubilei. A pesquisa, no entanto, se refere à turma de Língua Portuguesa do Ensino Médio, na qual desenvolveu-se um projeto de leitura e produção de poesias orientado pela professora Maria José.

Além de observar o projeto de sala de aula como pesquisadora, minha participação foi também a de aluna o que tornou possível compreender um pouco mais o universo da poesia e ter também a oportunidade de produzir algo.

As observações tiveram início no meio do primeiro semestre de 2005.

Portanto, as anotações partiram de um processo já em andamento. No entanto, a professora responsável pelo projeto de leitura e produção de poesias com adultos preocupou-se em apresentar aos alunos o que havia sido produzido e como vinham se desenvolvendo as diferentes atividades.

As aulas foram registradas por meio de anotações, fotos e vídeo.

Como o projeto previa que, no final das atividades, haveria a produção de um livro contendo material produzido pelos alunos, a observação encerrou-se no final do ano corrente, quando todos os participantes deste projeto entregaram seus trabalhos escritos para a publicação.

4. DELIMITAÇÕES INICIAIS

O ponto de partida deste estudo se encontra, como foi dito anteriormente, na vontade de compreender como se dá o aprendizado da gramática e da estrutura textual dos adultos no caso específico de uma sala de Língua Portuguesa de Ensino Médio do Projeto Educativo de Integração Social.

Partimos do pressuposto de que, ao darmos a oportunidade, como veremos adiante, para os alunos interagirem e realizarem seus trabalhos em grupo, haverá, nesse espaço de trabalho, a possibilidade de se “ativar” a zona de desenvolvimento proximal - *zdp*; em outros termos, o que se faz atualmente, com a ajuda de outros, poderá ser realizado sozinho amanhã.

Para compreender em que a linguagem poética contribui neste processo, é feito uma análise sobre:

1. Qual é a relação que este grupo de adultos em questão tem com a poesia?
2. Qual é o objetivo do uso da poesia como tema gerador da aula?

Tendo em vista uma organização inicial desses dois campos de abordagem, parece necessário considerar primeiramente a condição que singulariza este grupo de educandos, mesmo na diversidade de níveis de conhecimento encontrados: a busca pelo conhecimento fora da idade considerada apropriada.

Todos possuem um certo grau de conhecimento empírico no campo poético que, mesmo que não tenha provindo de um acompanhamento institucional, pode ser aprimorado, ampliado este conhecimento inicial. Por isso, esta pesquisa parte do pressuposto de que todos estes adultos já tiveram ao menos contato com poesia antes de participarem deste projeto educacional, no entanto possuem diferentes maneiras de se relacionarem com este tipo de linguagem, qual seja, a poesia.

O objetivo da educadora ao utilizar a poesia como tema gerador de conhecimento irá além do nível de conhecimento anterior dos educandos, porém sem o desprezar, uma vez que partirá deste para poder alcançar a meta pré-estabelecida para este grupo: o ensino de conteúdos programáticos de Língua Portuguesa.

A notação da abordagem utilizada para se alcançar este objetivo também será indispensável para compreender o processo de aprendizagem do educando adulto

neste caso. A escolha da forma que se tratará o conhecimento de maneira que este traga a tona as experiências prévias é fundamental para o processo de aprendizagem.

4.1. A poesia e o adulto

A língua escrita tem funções bem definidas nas sociedades e se manifesta através de diferentes registros, diferentes conteúdos e organizados de modos distintos e característicos. Dentre estes, destacamos a linguagem poética que envolve textos escritos, recitados ou musicados. Esta linguagem, assim como os demais, pode ser considerada um fenômeno de origem sociolingüístico, uma vez que a poesia é uma representação do conhecimento de um indivíduo, derivado das interações que este estabelece com o meio social.

A poesia tem sua própria forma e características que a distingue de outros gêneros de textos. Essa diferença estrutural é atribuída ao objetivo comunicativo do narrador e do contexto da comunicação, ou seja, esta é muito mais do que uma simples seqüência de enunciados que teria a finalidade de informar algo a alguém.

A poesia apresenta a particularidade de se trabalhar com o campo simbólico da metáfora, isto é, os sentidos dos enunciados não se fecham mas ao contrário, abrem-se múltiplas possibilidades de interpretações e jogos de produção de sentidos. Logo, sua abordagem com um propósito educacional específico, favorece ao propósito de expandir o conhecimento já existente.

Como foi posto anteriormente, esta pesquisa parte do pressuposto de que todos os educandos adultos que participaram deste projeto de Língua Portuguesa no Projeto Educativo de Integração Social já possuíam uma experiência ampla com a língua escrita, embora ainda não a dominem.

Considerando, então, o papel que o Projeto Educativo de Integração Social tem na formação desse aluno leitor/escritor, o presente estudo examinou, a partir da habilidade de produção, o conhecimento que adultos tinham acerca dos componentes estruturais da poesia em relação à obra poética utilizada nas aulas.

4.2. A poesia e o saber

A poesia é incontrollável, pois, além de alimentar fantasias que se opõe ao mundo cinza do trabalho, é um jogo de palavras onde o campo de interpretação é muito amplo, já que não se tem um ponto de chegada para um saber que pode sempre ser refeito.

Sua leitura compartilhada traz a possibilidade da criatividade. É neste espaço para a criação que esta linguagem poética encaminha o indivíduo para sua autonomia. Isto é, mesmo o educando mais inibido, neste universo, sente-se mais à vontade para expressar o que a poesia lhe suscita.

5. OS MÉTODOS UTILIZADOS EM SALA DE AULA

Todos consistem basicamente na leitura e produção de poesias e poemas a partir do tema evocado pelo material – poesias escritas ou musicadas – o qual, utilizado dentro do contexto, permite que o grupo:

- reflita sobre o modelo de língua padrão e sobre os recursos lingüísticos empregados;
- discuta sobre assuntos e temas pertinentes ao universo sócio-histórico em que interagem;
- estude o instrumento escrito construído com uma função social específica que determina a sua organização temática e lingüística;
- formule opiniões críticas fundamentadas na informação sobre os fatos históricos em que o aluno está inserido.

O estímulo gerado no ato da leitura deste material estabelece a interação necessária entre o sujeito e o meio social e amplia o conhecimento da representação escrita do mundo.

Segundo a educadora: *“o objetivo do texto poético é ‘bater no coração’, seja causando sensações boas ou ruins”*.

Ao escolher o assunto ou o tema a ser trabalhado em sala de aula a professora Maria José procurou uma adequação ao interesse do grupo.

As atividades variavam de aula para aula a fim de que os educandos não se prendessem a um único modelo de aula e para que suas obras não fossem uma mera reprodução mecânica, mas sim uma expressão individual.

Participantes

Participaram desse estudo cinco alunos – três mulheres e dois homens – do Ensino Médio de Jovens e Adultos de nível sócio-econômico baixo, matriculados no Projeto Educativo de Integração Social (PEIS), todos moradores da cidade de Campinas e cujas idades variavam de 30 a 65 anos.

Todos os componentes deste grupo apresentavam um quadro de evasão, justificadas pelo ingresso ao setor de trabalho, para garantir a sobrevivência da família.

Material

Foram utilizadas cópias de poesias, poemas e músicas, as quais foram fixadas nos cadernos individuais dos educandos, nos quais também eram registradas suas próprias obras.

Ter o caderno em ordem é imprescindível, segundo a professora Maria José, para que se possa acompanhar o crescimento literário.

Para a contextualização, fez-se necessário o emprego de rádios para reproduzir músicas referentes à poesia em questão.

Procedimento

O procedimento variou conforme a dinâmica da aula, contudo, após uma apresentação prévia da poesia, os educandos produziam suas próprias obras inspiradas no conteúdo abordado ou na estrutura apresentada. A gramática emergia da poesia utilizada ou das produções dos alunos.

5.1. PRIMEIRO MÉTODO: HISTÓRIAS DE VIDA

Com a poesia *Infância* e o poema *Lembrança do mundo antigo*, de Carlos Drummond de Andrade, os educandos foram convidados a expor verbalmente suas histórias de vida. O desafio da professora Maria José foi que um colega escreve a história do outro.

Apesar da linguagem utilizada para suscitar tal tema para aula ser a poesia, os educandos puderam narrar em forma de textos.

Falar sobre si próprio como atividade inicial fez com que os alunos se sentissem à vontade em suas explanações, pois estavam expondo algo que conheciam bem: suas próprias histórias. Mesmo a mais inibida educanda, quando questionada sobre sua vida pessoal pelos colegas, sentiu-se confiante ao falar sobre sua vida.

Nesta experiência de escrita baseada na narrativa verbal do colega, os autores dos textos, que conheciam a pessoa de quem escreveriam somente da convivência em sala de aula, traziam suas impressões pessoais.

Os educandos fizeram leituras das expressões, dos trejeitos dos colegas. Assim como podemos observar na narrativa anônima em que o autor analisa uma pessoa do grupo:

"Ela é uma pessoa muito tímida apesar de seus trinta anos. (...) Talvez o problema da E. seja porque ela não sai de casa para o lazer."

Suas impressões, assim como a educadora descreveu na apresentação do livro, *"refletem personagens autores pertencentes a mundos criados e a mundos de verdades"*.

5.2. SEGUNDO MÉTODO: QUEBRA-CABEÇAS POÉTICO

Utilizando o poema *Bolhas*, de Cecília Meirelles, e verso de autoria desconhecida, ambas escritas em cartolina, a educadora dividiu em frases e palavras.

Dividiu a turma em dois grupos e distribuiu as peças das poesias para que as unissem a fim de obter novas obras.

As poesias originais não eram conhecidas da turma; não houve uma leitura prévia do material original. Apenas um grande embaralhado de palavras e frases sem sentido foram entregues para serem organizadas.

A educadora acompanhou a criação das novas poesias um pouco em cada grupo. Ela os orientava a ler o que haviam escrito para ver se havia sentido nas junções das frases e, quando possível, procurarem outras possibilidades de formação.

Diante do desafio, os educandos produziram várias poesias. Algumas muito parecidas com a original, como é o caso de:

*"Tudo quanto me anima é uma bola
Tudo quanto me encanta é a amizade
Tudo quanto me emburra é uma rima
Tudo quanto me invade é uma surra
Tudo quanto me enrola é uma planta"*

Outras com uma estrutura textual e sentido diferente:

*"Tudo quanto me anima
Tudo quanto me enrola
Tudo quanto me encanta
Tudo quanto me emburra é uma bola
Tudo quanto me invade é
uma rima
uma planta
uma surra
uma amizade"*

Da junção destas frases sem sentido, os educandos montaram seus próprios poemas, com sentidos próprios. Uma vez que,

"A comunicação entre usuários da língua não se estabelece através de frases isoladas, o homem se comunica por meio de textos e existem diversos fenômenos lingüísticos que só podem ser explicados no interior do texto" (GONÇALVES e DIAS,

2003:30).

As produções foram registradas nos cadernos individuais e, posteriormente, lidas aos demais.

Durante a leitura, correções ortográficas e sintáticas foram feitas tanto pela professora quanto pelo grupo ouvinte. As sugestões eram anotadas para a reformulação.

5.3. TERCEIRO MÉTODO: HISTÓRIAS DISTANTES

Em outra oportunidade, a professora Maria José distribuiu cópias da poesia *Mar Português* de Fernando Pessoa. Contextualizou a poesia, fazendo alusão aos sentimentos que envolviam aquele momento específico.

Orientou-os a exporem o que aquela poesia havia suscitado neles por meio da escrita. Cada um teve um foco diferente do outro em sua obra; cada um expressou os sentimentos pessoais que a poesia trouxe no momento da leitura, como podemos notar no trecho, de autor desconhecido, citado abaixo:

"Para muitas noivas não valeu a pena, pois ficaram sem casar por causa do mar. O mar é muito grande, mas não valeu a pena, pois as portuguesas perderam seus noivos nas águas serenas".

Dando seqüência a esta aula, explanou brevemente sobre quem era o autor e sobre que contexto histórico sua poesia se referia. Explicou-lhes que a *"vida da gente é um texto conversando com outro. E a gente pensa que texto é só o que está escrito"*.

Enquanto falava, um rádio no canto da sala tocava fados e, dentre eles, um com a poesia de Fernando Pessoa interpretada por André Luis de Oliveira.

Logo após sua explicação, convidou os educandos a cantar e a dançar.

Este método, explorou três formas diferenciadas de expressão: oral, corporal e escrita.

Cantando, dançando ou escrevendo, enfim, indiferente da maneira que se expressavam, os alunos confirmavam suas impressões pessoais sobre o tema em questão: a dor da conquista de novos horizontes. Eles foram capazes de traduzir estes sentimentos aos dias atuais. Fizeram comparações com os problemas descritos por Fernando Pessoa e com os atuais. Os focos foram diferentes, mas a maioria conseguiu fazer esta comparação.

5.4. QUARTO MÉTODO: POESIA E ORTOGRAFIA

A professora responsável pelo projeto, Maria José, foi substituída pela professora Cristiane Megid em uma de suas aulas. Esta, atendendo a pedido dos alunos, enfatizou o ensino da acentuação de palavras e sílabas tônicas, sem sair do plano básico de trabalhar com poesias. Entregou uma cópia a cada presente uma cópia da música *Construção*, de Chico Buarque de Holanda, e pediu-lhes para que, ouvindo a música que seria reproduzida a seguir, atentassem às mensagens das entrelinhas, à “fala escondidinha”.

Após contextualizarem juntos a poesia¹, a educadora perguntou se aquela música os agradava e eles, encabulados, começaram a expressar que não, afirmando ser uma música “*muito intelectualizada*” e que também “*não é música do nosso dia-a-dia*”. Satisfeita com a manifestação, a professora explicou que a escrita visa um grupo específico de leitores e, por isso, não tem o objetivo de agradar a todos ou tocar a todos da mesma forma.

Depois da interpretação da música e da discussão sobre a estrutura poética (versos e estrofes), atentou-os para o quanto à ortografia auxilia na sonoridade da poesia, explicando-lhes que todos os versos terminavam em proparoxítona² e, assim, o autor brincou com as palavras trocando-as de posição e dando novos sentidos sem perder a estética.

Independente do método de aula, todas tinham o objetivo de trazer à tona os sentimentos gerados a partir de um referencial, a poesia.

¹ Apesar da pouca idade, a professora Cristiane Megid tinha o conhecimento histórico de tais acontecimentos. Os alunos, por sua vez, haviam vivido a ditadura, momento ao qual a poesia se referia.

² Fez uma breve exposição sobre regras ortográficas de acentuação e explicou o que era proparoxítona, paroxítona e oxítona.

5.5. QUINTO MÉTODO: EXPRESSANDO SENTIMENTOS

Com a poesia *Coisas* de Maria Dinorah, extraída do livro *Cantiga da Estrela* (1984), a professora Maria José trouxe a discussão gostos pessoais.

Cada um tinha o seu, contudo falar sobre isto não foi fácil. Havia um certo receio em se expor, um certo medo de que seus gostos não fossem aceitos pelos demais.

Então, a educadora começou a citar coisas que gostava, comentando os porquês. Com esta atitude a professora conseguiu transmitir segurança aos educandos, de tal forma que a discussão tomou boa parte do tempo restante de aula.

Pediu-lhes, então, que registrassem por escrito o que haviam dito, porém, desta vez, em forma de verso, nos moldes da autora.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. O uso da poesia na aprendizagem da língua

Uma das frases utilizadas na apresentação do livro *Papéis Avulsos: caminhos de leitura e redação*, isto é, o livro originado das escritas dos adultos que procuraram o PEIS com a finalidade de aprimorar sua língua atenta para o momento em que da escrita dos alunos extraía-se a oportunidade de transmitir conhecimento.

“Textos são conteúdo e forma. Na forma dos textos escritos pelos alunos aparecem, às vezes, impurezas gráficas, pontuais e gramaticais. Cabe ao professor corrigi-las? É claro que sim desde que não o faça com poder e preconceito, como dono da única voz lingüística, como se aqueles textos, assim escritos, fossem menos textos”. (REY, 2006)

Esta frase foi escrita pela educadora Maria José Teodora Carreira Rey que esteve à frente do projeto de Língua Portuguesa, aqui descrito, durante o ano de 2005.

As correções dos erros ortográficos e gramaticais ocorreram dentro do processo de elaboração da escrita, uma vez que o objetivo deste projeto não previa o uso de livros didáticos de Língua Portuguesa, tanto porque o tempo disponível para era curto.

Em suas escritas, os educandos demonstravam as dificuldades em passar para o papel a língua que falavam há tanto tempo.

Normas gramaticais e ortográficas foram transmitidas sem o uso de termos complexos que as denominam. Somente foi explicado o padrão estipulado para nossa língua, sem desmerecer a forma da fala individual.

Desta forma, a transmissão dos conteúdos programáticos da Língua Portuguesa foi realizado, tendo em vista que eles pudessem dominar amanhã sozinhos, o que agora é possível realizar apenas com a ajuda de outros. Havia, claro algum conhecimento prévio da linguagem formal, pois, no meio social de cada um deles, ela estava presente.

Sob a orientação da educadora, que atuou dentro de um campo conhecido por todos os participantes inscritos naquela turma, gradativamente, estes educandos adultos dominaram a linguagem formal.

7. CONCLUSÃO

"A obra de arte nunca reflete a realidade em toda a sua plenitude e verdade real, mas é um produto sumamente complexo da elaboração dos elementos da realidade, de incorporação de uma série de elementos inteiramente estranhos a ela".
(VIGOTSKI, 2001:239)

A poesia, mesmo sendo usada com o mesmo propósito da gramática, como foi o caso apresentado nesta pesquisa, facilitou a aprendizagem da língua, já que, durante sua leitura e escrita, regras da Língua Portuguesa vinham à tona conforme a necessidade de correções.

A poesia alimenta a criatividade por ser um jogo de palavras de ampla interpretação. E mesmo sendo transmissora de uma mensagem, ela não se fecha em si só, pelo contrário, dá margem para novas mensagens.

Seu uso não fez com que os participantes do projeto se tornassem poetas, mas gerou o gosto pela leitura deste tipo de linguagem e também na produção de textos que expressam seus sentimentos. E, desta forma, a aprendizagem da língua tornou-se um ato prazeroso, uma vez que esta foi trabalhada dentro de um campo conhecido pelos adultos: suas próprias emoções e sentimentos.

Todas produções registradas nos cadernos foram revisadas em conjunto e, quando necessário, reescritas. Os educandos selecionaram algumas e entregaram para serem publicadas no livro.

Após a publicação, programada para agosto de 2006, se realizará uma manhã de autógrafos no Projeto Educativo de Integração Social, com a presença dos educadores, educandos e demais envolvidos neste projeto. Um momento para o reconhecimento de que estes adultos, que não tiveram a oportunidade de freqüentar uma instituição educacional na idade considerada apropriada, são capazes de ampliar seus conhecimentos não apenas para conquistarem um certificado, mas para também utilizar estes conhecimentos para expressar seus sentimentos e emoção.

8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LÉON, Antoine. *Psicopedagogia dos adultos*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- LOPES, Ana Claudia Ferreira. *Insatisfação convertida em interrogação: do método da palavração à adoção do texto escrito na alfabetização de adultos*. Campinas, SP, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.
- IRIGARAY, Tatiana Quarti. *Envelhecendo e aprendendo*. In: CASTRO, Odair Perugini de. *Envelhecer: revisitando o corpo*. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004.
- MOURA, Tânia Maria de Melo. *A prática pedagógica de alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vigotski*. Maceió: Edufal, 1999.
- PILON, Raquel. *Alfabetização de Jovens e Adultos: Traços de vida na produção de textos*. Campinas, SP, 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação), Faculdade de Educação, UNICAMP.
- RESENDE, Terezinha C. Campos de. *Práticas de letramento em Conceição de Ibitipoca: o discurso instrucional na construção do letramento escolar*. Ibitipoca: UFJF, 2000.
- REY, Maria José T. C. (org.). *Papéis avulsos: caminhos de leitura e redação*. Campinas: 2006.

RIBEIRO, Vera Massagão. ***Educação de Jovens e Adultos: Novos leitores, novas leituras***. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. ***O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura***. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Luciane G. ***Leitura: de uma concepção tradicional a uma política de leiturização***. Campinas, 1995. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

SOLAR, Claudie. ***Da ruptura à transformação: o caso da iniquidade***. In: DANIS, C. e SOLAR, C. (coord.). ***Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos***. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

VIGOTSKI, L. S. ***A formação social da mente***. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIGOTSKI, L. S. ***Pensamento e linguagem***. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, L. S. ***Psicologia pedagógica***. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

9. ANEXOS

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Intr. notas explicativas e bibliog. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Difel, 1986,p. 53

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso café bom.
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que a minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

ANDRADE, C.D. de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, J.
Olympio, 1983

Lembrança do mundo antigo

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era
tranquilo em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã! !
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo! !

ANDRADE, c. D. de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, J.
Olympio, 1983

Coisas

Coisas boas:

bombom, bolinho, bolacha,
pastel, pipoca, pitanga.

Coisas lindas:

barquinho, balão, boneca,
palhaço, pião, poema.

Coisas de todos:

lagoa, estrada, folhagem,
lua, estrela, farol.

Coisas de poucos:

mel, moeda, medalha,
milagre, amigo, amor.

DINORAH, Maria. *Cantiga de estrela*. Porto Alegre, Mercado aberto, 1984. p. 23.

I. Histórias de vida escritas durante o projeto de Língua Portuguesa de 2005

Renato é um senhor que estuda na minha classe.

Como cada aula de português alguém tem que contar a sua história, o senhor Renato contou a sua.

Ele começou falando 'do seu tempo de garoto, quando vivia no interior paulista.

Estudava em escola pública que era muito boa.

Filho de pais separados. Ele vivia com a mãe em São Paulo, longe do seu pai. Mas mesmo assim ele continuou trabalhando e estudando. Depois ele voltou a morar com seu pai que veio a morar em Campinas. Hoje está fazendo o curso em que está.

Considera feliz, tem uma família esposa e dois filhos maravilhosos.

Essa é a história do senhor Bento.

Renato Inácio da Silva, 57, funcionário público

Elisângela é solteira, tem trinta anos. Mora com a mãe e dois irmãos.

Ela é uma pessoa muito tímida apesar de seus trinta anos. Para contar sua história, foi preciso muito empenho da professora e nós, seus colegas.

Para ela falar alguma coisa tivemos que ajudá-la fazendo perguntas.

Ela foi narrando sua história. Ela nos contou que após o falecimento de seu pai ela ficou muito triste, sem nenhum estímulo. Nunca namorou. Com isso sua timidez se tornou mais acentuada. É uma moça que tem algum encanto. Mas é preciso que ela mesma descubra.

Como eu comecei narrando no início, é uma família de cinco irmãos. Eles se reúnem todos os fins de semana para um almoço em família.

Talvez o problema de Elisângela seja porque ela não sai de casa para lazer.

Não tem amigas e amigos, não trabalha fora de casa, ajuda uma vizinha .a fazer crochê. Sua atividade só se resume perto de sua casa.

Enquanto ela narrava sua história algumas colegas disseram algumas palavras de estímulo.

Teve uma das colegas, chegou a dizer que tem dois irmãos encalhados. Claro que isso foi uma brincadeira da colega Luciana. Mas tudo vai depender da Elisângela querer mudar.

Autor não identificado

Minha professora narrou sua história de vida falando sobre seus pais, dizendo que eles vieram da Espanha para o Brasil.

E aqui, no Brasil, formaram sua família. Tiveram filhos e com o tempo colocou todos para estudar. Cada filho seguiu sua carreira. Ela, por exemplo, fez línguas. Quando se formou foi dar aulas e,

com isso, passou a ter seu próprio salário.

Mas ela não parou, continuou estudando. Fez Pós-Graduação e outros cursos. Deu aulas nas melhores escolas e faculdades do estado de São Paulo e fez vários cursos e chegou a ir até para o exterior.

Hoje, aposentada, mesmo assim ela continua colaborando com seus conhecimentos. Exemplo é o curso em que estou. Estou gostando e aprendendo bastante com o curso e com a professora que é muito dedicada.

Autor não identificado

Na vila aonde eu cresci eu não tinha muita clareza da minha origem da minha raça. Foi quando eu conheci um amigo que queria reunir alguns jovens negros para levar o conhecimento dos nossos antepassados e acabei conhecendo algumas coisas sobre cultura, costume que os "senhores" não conseguiram apagar.

Mas o que eu quero dizer é que com muitas divergências, estes grupos de jovens foram se aprofundando e trocando conhecimentos com outras pessoas de outras vilas, cidades e até de outros estados e quando eu me dei por mim vi que naquele momento tudo não passava de pura política gestora de que eu gostava mais, mas eu não concordava no contexto do que estava acontecendo. Quando entrou dinheiro no meio desses grupos muitos se partiram, outros se refizeram e deu-se nomes a outros grupos e quando a politicagem, como a própria palavra diz, se fizeram aos nossos contatos como vereadores e deputados, diretores e secretários do

município.

Então vi que não estava gostando mais e refleti: do que eu gosto? O que eu estou fazendo aqui? O que isto pode me realizar?

Foi aí que eu pude ver do que eu gostava era da evolução ou do conhecimento que todos os jovens que freqüentavam estavam tendo e dos conceitos que eu tinha e que eu pensava estar certo o que conseguimos mudar na nossa comunidade.

Foi aí que me descobri. Hoje me realizo com poucos trabalhos que na hora de folga posso contribuir para a comunidade onde moro.

Cristiane dos Santos, 36, líder comunitária (Res. São José)

Quando eu era criança, eu tinha receio de muitas coisas: de tirar nota baixa na escola e tirava sempre, de ficar mocinha e não saber me cuidar, de ficar com os cabelos curtos e ninguém mais gostar de mim, de ir a certos lugares e não saber voltar para casa enfim de deixar de concretizar algum desejo por falha ou pouco empenho.

Mas comecei a trabalhar muito cedo e conheci uma pessoa maravilhosa que sempre estava me falando que era pra eu sempre fazer o melhor e para me esforçar o máximo pois só assim eu iria ter a paz e a realização que eu tanto queria.

Quando dei por mim eu já estava saindo do colégio sem perceber e já com saudades pois eu me preocupava tanto com o diploma que nem curti a minha turma.

Eu me apaixonava fácil demais que no segundo ano eu reprovei só para cair na classe de um paquera. Mas, valeu demais pois se eu não passasse por aquele momento não iria ser a mesma pessoa e quando eu dei por mim aquele receio que eu tinha ficou para trás e graças a Deus isto faz parte do passado pois agora não tenho mais receio das coisas nem dos momentos pois eu os desafio e quase sempre venço.

Autor não identificado

Conheci um menino que dizia que o pai dele montava a cavalo. Eu tenho um irmãozinho, minha mãe aproveitava sempre que ele estava dormindo para fazer algumas costuras.

Eu ficava sozinho entre as mangueiras e, às vezes, lia algumas Histórias de Robinson Crusoé que eu gostava muito, assim me distraía no meio das mangueiras enquanto meu pai chegava do campo.

Nunca esqueço o café da senzala, havia sempre quem chamava, era sempre ao meio dia que essa voz aparecia.

O café era bom, preto, gostoso, que só podia ser o café da preta velha, eu não posso dizer se a preta velha era igualo café, pois quem fez a poesia foi Robinson Crusoé. Ele que conheceu a mulher, ele que tomou do café.

Minha mãe tinha sentimento olhando para mim e costurando, pois o irmãozinho está dormindo.

Ficava nervosa quando sentava mosquito no berço do menino, e até suspirava fundo!

Meu pai estava longe no campo da fazenda dando um duro danado para não faltar as coisas na sua verdadeira morada.

Robinson Crusoé tem história bonita, a minha também é, reconheça quem quiser, o meu nome é Manoé.

Autor não identificado

Meu pai ia trabalhar com táxi.

Minha mãe ficava trabalhando na cozinha.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinha, menina, subia na goiabeira.

No meio-dia quando meu pai chegava para almoçar me via em cima da goiabeira, ficava muito bravo, fazia de tudo para eu descer mas eu não descia. Eu pedia para ele parar senão eu não desceria, mas meu pai continuava cotucando com um pau para poder descer, mais eu subia, e cada vez mais alta para o pai não me alcançar e mais. Tanto em insistir para meu pai parar ele parou. Aí eu consegui descer da goiabeira que ficava em frente a janela da cozinha e minha mãe ficava cosendo quando eu brincava e comia as goiabas em cima da goiabeira.

Elisangela Edith Zaratini, 31, estudante

Meu nome é Elisângela Edith Zaratini. Nasci em Campinas, no dia 09/04/74. Tenho 5 irmãos que são: 'Roseli Aparecida Zaratini Fernandes, que tem uma filha que se chama Denise Maria Zaratini Fernandes; Rosângela Maria Zaratini Miguel que tem três filhos que se chamam Rafael Miguel, Priscila Luiza Miguel e Thais Cecília Miguel e também tenho mais três irmãos que se chamam Edison Pedro Zaratini, ele tem três filhos, sendo os dois últimos gêmeos. Os nomes deles são: Eduardo Diresta Zaratini e Daniel e Leonardo Diresta Zaratini e tenho um irmão que se separou e o nome dele é: Edvaldo Zaratini. Ele tem uma filha que se chama Julia Carolina de Souza Zaratini e, por último, meu irmão mais novo que se chama Waldemar Rogério Zaratini que são filhos de Alice Luiza Forsetto Zaratini e de Celeste Zaratini, em memória, porque aquele já é falecido há 13 anos quando eu tinha 17 anos. Nesse período eu não consegui terminar os estudos, mas depois de seis anos parada a minha mãe ouviu no rádio sobre o PEIS e assim consegui concluir o Ensino Médio no ano passado, com muita dificuldade. Por isso que eu continuo no PEIS para eliminar minhas dúvidas e ter mais conhecimento em outras matérias que tinha eliminado muito antes de Português que eu só consegui eliminar no ano passado.

Elisangela Edith Zaratini, 31, estudante

II. Poemas escritos a partir do quebra-cabeças poético

Tudo quanto me anima é uma bola
Tudo quanto me encanta é a amizade
Tudo quanto me emburra é uma rima
Tudo quanto me invade é uma surra
Tudo quanto me enrola é uma planta
Tudo quanto me enrola
Tudo quanto me anima
É uma bola
é a amizade é uma rima
é uma surra.
Tudo quanto me invade é uma planta
Tudo quanto me emburra
Tudo quanto me encanta
Tudo quanto me enrola
Tudo, quanto me enrola
Tudo quanto me enrola
Tudo quanto me invade é uma planta, é a amizade
Tudo quanto me anima é uma rima.

Autor não identificado

Tudo quanto me emburra é uma surra
Tudo quanto me encanta é uma bola
Tudo quanto me enrola
Tudo quanto me enrola
Tudo quanto me enrola
Tudo quanto me emburra é uma bola.
Tudo quanto me invade é a amizade
Tudo quanto me anima é uma rima
Tudo quanto me emburra é uma bola
Tudo quanto me encanta é uma planta

Tudo quanto me enrola é uma surra.

Autor não identificado

Tudo quanto me invade é a amizade
Tudo quanto me anima é uma rima
Tudo quanto me enrola é uma bola
Tudo quanto me emburra é uma surra
Tudo quanto me encanta é uma planta.
Tudo quanto me anima é uma planta.
Tudo quanto me encanta é uma bola.
Tudo quanto me enrola é uma amizade.
Tudo quanto me invade é rima.
Tudo quanto me emburra é uma surra.
Tudo quanto me anima é a amizade.
Tudo quanto me encanta é uma planta.
Tudo quanto me enrola é uma surra.
Tudo quanto me invade é uma rima.
Tudo quanto me emburra é uma bola.

Autor não identificado

Tudo quanto me encanta
é uma planta
Tudo quanto me anima
Tudo quanto me emburra
Tudo quanto me enrola
é uma bola.

Tudo quanto me invade
Tudo quanto me encanta
é uma amizade
é uma planta

é uma rima.
Tudo quanto me emburra
Tudo quanto me anima
Tudo quanto me enrola
é uma bola
é uma surra.

Autor não identificado

Tudo quanto me anima é
Tudo quanto me invade é
uma rima
uma surra
Tudo quanto me encanta
é a amizade
Tudo quanto me emburra
é uma planta
Tudo quanto me enrola
é uma bola
Tudo quanto me emburra
é uma surra
Tudo quanto me anima é
Tudo quanto me encanta
é uma planta
é uma surra
Tudo quanto me invade é
Tudo quanto me enrola
é uma bola
é uma amizade.

Autor não identificado

Tudo quanto me anima é

Tudo quanto me enrola é
Tudo quanto me encanta é
Tudo quanto me emburra é uma bola
Tudo quanto me invade é
uma rima
uma planta
uma surra
a amizade
Tudo quanto me anima
é uma bola
Tudo quanto me enrola
é uma rima
Tudo quanto me encanta
é uma planta
Tudo quanto me invade
é uma surra
Tudo quanto me emburra
é a amizade.

Autor não identificado

Olhe a bolha na ponta da rolha.
Olha a bolha na ponta do galho.
Olhe a bolha na mão do menino que trabalha.
Olha a bolha d'água que brilha na ponta do galho.
A bolha d'água é do sereno que caiu à noite, na ponta do galho.
O galho é de uma roseira que desabrochou em uma linda rosa na ponta do
galho.
Olhe a bolha em cima do galho da rosa.
Olha o sereno que cai pela madrugada, vai criando muitas bolhas nas pontas
dos galhos.

Olhe a bolha! Olhe a bolha d'água! O galho está molhado. Todas as manhãs vou molhar o meu jardim mas encontro as minhas flores com bolha d'água, sorrindo para mim.

Olhe a bolha! Olhe a bolha d'água, nas pontas dos galhos flores do meu jardim.

Olhe a bolha! Olhe a bolha na mão do menino que cuida do meu jardim.

Coitado do menino! A bolha da sua mão é o cabo da enxada e as bolhas dos galhos das flores do meu jardim são do sereno da madrugada.

Manoel Messias da Conceição Santos, 65, mestre de obras

Olha a bolha de sabão na mão do menino

Olha a bolha de vinho na rolha

Olha o orvalho! Olha a mão que brilha, espelha e se espalha na ponta da palha.

Olha a bolha! Olha a chuva no galho

Olha a bolha

Olha a bolha d'água que trabalha

Olha a bolha que molha a vida.

Autor não identificado

III. Texto reflexivo sobre histórias distantes – a conquista de Portugal

Eu entendi como foi difícil a conquista dos portugueses para manter seu país.

Na época, Portugal era um país em que faltava quase tudo por ser um território pequeno, pois o que tinha de abundante eram suas águas: o mar.

Nas suas terras, tinham poucas condições de plantação. Por isso é que precisavam sair mar afora para buscar o que precisavam para o rei e seus povos.

E com isso foram conquistando mais território e, nessas conquistas, exploraram muitas riquezas de outros povos. Principalmente do Brasil.

Eles navegaram até as Índias e traziam especiarias, traziam pimenta do reino e outras novidades.

Autor não identificado

No mar salgado os portugueses se atiraram, deixando muitas lágrimas em sua terra natal.

Os portugueses foram muito ousados, não tinham medo de nada, lançaram suas fragatas nas águas salgadas.

As mães choravam e as noivas lastimavam.

Com o sal se cozinha os alimentos, mas as noivas não paravam os seus lamentos.

Para muitas noivas não valeu a pena, pois ficaram sem casar por causa do mar.

O mar é muito grande, mas não valeu a pena, pois as portuguesas perderam seus noivos nas águas serenas.

Quem passava em Bojador, via portuguesa chorar que dava dor. Os portugueses acreditaram em Deus e sua viagem seguiram, mas muitas mulheres ficaram sem os maridos.

Autor não identificado

Os portugueses derramaram muitas lágrimas no mar para alcançar seus objetivos e assim deixaram as mães a chorar, os filhos a rezar e as mulheres para casar e perguntaram: isso tudo valia a pena?

Tudo vale a pena se a alma não é pequena para passar pela tormenta que era sua vida longe de casa.

Que deus do mar lhe deu o perigo e o abismo para nele espelhar o céu.

Autor não identificado

IV. Poemas que expressam sentimentos

Café, namoro, noivado, casamento, pai, mãe.
Noiva, neném, flor, floresta, praia, ilha.
Dormir, comer, ler, dançar, brincar, dinheiro.
Amigos, falsa, abelha, dinheiro, gostos, loteria.

Autor não identificado

Coisas boas:

comer, conversar, comentar, catalisar, conhecer, caminhar.

Coisas lindas:

homem cheiroso,

homem gostoso, homem amoroso.

Coisas de todos: paz, ar, tratar, laço, livro, luz.

Coisas de poucos: aliança, alcance, eterno, fraterno.

Autor não identificado

Coisas boas:

família, biscoito, leite,

jabuticaba, pães e café.

Coisas lindas:

passarinhos, brincadeiras, sobrinhos, e primos.

Coisas de todos:

lago, carro, nuvens,

água, rodovia, árvores.

Coisas de poucos: viagem, dinheiro,

namorar e amizade.

Autor não identificado

Coisas boas:

brisa, balanço, bocejo, cochilo, carinho, chamego.

Coisas lindas:

Bruno, brincadeira, bichinhos, criança, carícia, cachinhos.

Coisas de todos:

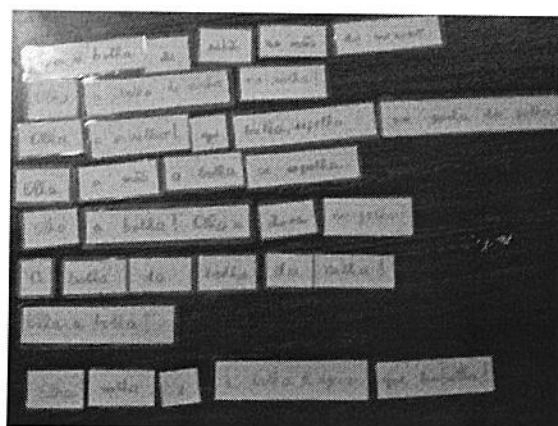
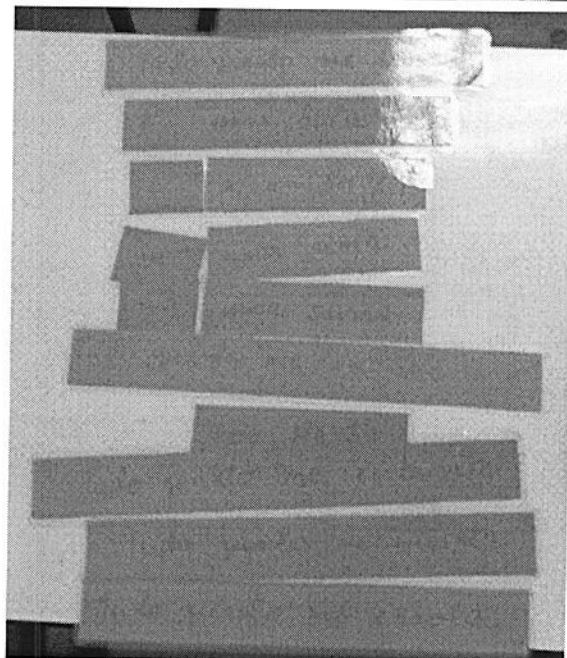
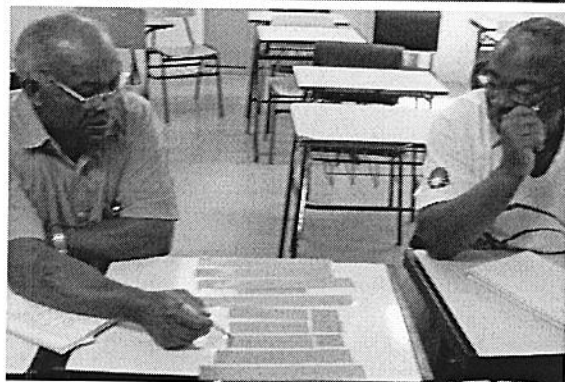
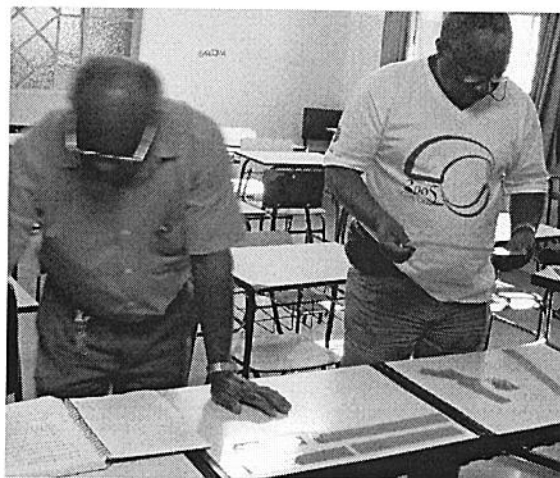
namoro, passeio, trabalho, Natal, religião, colegas.

Coisas de poucos:

fidelidade, diversão, prazer, felicidade, fé, amigos.

Kalinca Zucaratto Martins, 26, graduanda em Pedagogia

Educandos adultos trabalhando com o quebra-cabeças poético



Educandos adultos no momento de contextualização da conquista portuguesa

